

**CHRIS  
CARLSSON**

**na MASSA  
CRÍTICA**

**MONSTRO DOS MARES  
PONTA GROSSA – PR  
INVERNO DE 2022**

**Copyleft:** Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

## **CHRIS CARLSSON NA MASSA CRÍTICA DO 1º FÓRUM MUNDIAL DA BICICLETA (FMB)**

*abobrinha* (Tradução, revisão e montagem);

*Baderna James* (Captação de áudio e diagramação);

*érri* (Montagem);

*Giga e Alegria* (Montagem e distribuição);

*Manu* (Capa);

*Sky* (Tradução e revisão);

### **MONSTRO DOS MARES**

Divulgação Acadêmica Anárquica

Caixa Postal 1560

Nova Rússia

Ponta Grossa – PR

*monstrodosmares.com.br*

*editora@monstrodosmares.com.br*

Foram distribuídos gratuitamente 1.000 exemplares dessa publicação com o financiamento da **Rede de Apoio** da editora Monstro dos Mares. Para fazer parte e contribuir, basta acessar <[catarse.me/monstromensal](http://catarse.me/monstromensal)> e selecionar uma modalidade de assinatura.

Para solicitar exemplares destinados a bibliotecas comunitárias, movimentos sociais e coletivos acesse <[dativa.monstrodosmares.com.br](http://dativa.monstrodosmares.com.br)>.

Impresso com energia solar <[solar.monstrodosmares.com.br](http://solar.monstrodosmares.com.br)>.

# **TEM QUE TER MORAL...<sup>1</sup>**

Fazer a transcrição da fala do Chris Carlson na Massa Crítica do primeiro Fórum Mundial da Bicicleta foi uma emoção e tanto. Ao ouvir aquelas vozes, o barulho das pessoas, das conversas, as minhas risadas na gravação<sup>2</sup>, reconhecer as pessoas queridas que me acolheram naquele evento, o mesmo entusiasmo.

Embora a qualidade da gravação não seja a desejada, uma vez que deixei o gravador perto demais da caixa de som e a voz ficou *estourada*. Com isso, me comprometi em fazer essa desgravação para compas que me pediram naquela ocasião. Levei 10 anos para concluir esse projeto e só foi possível com o suporte e incentivo da companheira que me acompanha desde 2016. Obrigado, *abobrinha!* Agradeço também a colaboração fundamental de *Sky* e *érrri*, que participaram nas diversas etapas deste material.

Os primeiros exemplares deste material foram impressos quando nosso amigo Giga e a cachorrinha Alegria estavam aqui pela cidade de Ponta Grossa (PR), em uma das paradas de sua viagem pela América Latina de bicicleta. Foi ótimo receber gente nossa para conhecer a Monstro dos Mares, tomar mate e colocar a conversa em dia.

Algumas amigadas do pedal ajudaram a financiar minha participação no evento em 2012, onde pude, inclusive, apresentar um painel sobre o nosso Coletivo Autônomo de Bicicletas de Cachoeira do Sul, o Cicloativado (descontinuado em 2015).

---

1 Documentário *Tem que ter moral*, de Mari Poncio, Chico Pinto e Hudi Correia, sobre o poeta e músico PLA. Disponível em <[youtu.be/IlzYLDDpOEY](https://youtu.be/IlzYLDDpOEY)>.

2 Gravação disponível em <[archive.org/details/FmbChrisCarlson-Nowtopia](https://archive.org/details/FmbChrisCarlson-Nowtopia)>.

As empresas de ônibus têm uma série de restrições para transportar bicicletas. Então, com a ajuda de um lojista, fizemos um esquema de encaixotar e desencaixotar a bicicleta de forma muito rápida, trocando algumas peças na bike do meu irmão que eu utilizava, uma *Nishiki Acera* de 1997. Cheguei na rodoviária de Porto Alegre com aquela caixa enorme, saquei a bicicleta ali de dentro, montei e entreguei a caixa no guarda-volumes (pois precisaria voltar dias depois). Saí de lá pedalando, entrei na Avenida Mauá e me senti extremamente feliz, pois estava pedalando em direção ao primeiro FMB.

Sem dúvida, foi um dos finais de semana mais importantes da minha vida, não somente como cicloativista (coisa que já nem consigo me sentir mais tanto assim, pois a pandemia acabou comigo), mas por sentir que estava participando de algo realmente transformador, que algo ali estava acontecendo definitivamente, que mudanças efetivas no horizonte do entendimento de *cidade* estava acontecendo. Mas eu não tinha dimensões do que representava aquela Massa Crítica na minha vida. Foram momentos incríveis.

Na concentração da pedalada no Largo Zumbi dos Palmares havia um universo de pessoas, de culturas, de identificações políticas, de diferentes regiões do país, de outros países. Naquele momento, Porto Alegre era a Capital Mundial da Bicicleta pra mim. Logo ao chegar, encontrei um barbeiro (no Rio Grande do Sul é assim que chamamos o profissional cabeleireiro), que tem o seu salão ali num reboquinho da bicicleta. O músico PLA, de Curitiba, também estava por lá cantando *Pra andar de bicicletaaaa tem que ter moral, tem que ter moral...* Várias pessoas que admirei estavam lá com suas bikes.

Pedalei com a suavidade de um adolescente. Foi um trajeto longo, passando por diversos bairros, era uma pedalada perfeita, sem carros, solzinho sem calor absurdo da capital nessa época e as pessoas pedalavam, cantavam, riam, conheciam-se, acenavam aos pedestres, trocavam histórias e experiências.

Eu não tinha celular e essa gravação na íntegra da fala de Chris Carlson é o único registro que tenho desse final de semana incrível. Quando o evento acabou, fui comer um sanduíche na Cidade Baixa e ao retornar pro apartamento que me acolheu, caiu uma chuva fininha e passei pedalando em frente à Câmara dos Vereadores me sentindo apaixonado pela vida, pela bicicleta e pelas escolhas que tomei. Eu havia desistido do meu emprego e ainda sigo assim, morando no interior, fazendo livros, onde a vida é menos intensa, pipocando de cidade em cidade a cada 2 anos, senti que aquelas ideias estavam me transformando em alguém diferente.

Ainda não sei ao certo quem sou, tampouco o que estou fazendo, onde estarei no futuro, *se haverá futuro*. Mas sei que hoje, passados alguns anos, que resolvi recuperar esse áudio que gravei para a Rádio Caruncho 88.7 FM Livre de Cachoeira do Sul e para o Coletivo Autônomo de Bicicletas, foi um grande feito na minha realização como pessoa, na afirmação de minhas memórias, na certeza de ter participado de algo realmente significativo e grandioso como nossas esperanças de transformação.

Então trago aqui, para monas, minas e manos, o registro de um tempo em que a felicidade andava estampada em nossos sorrisos, mesmo que fosse subindo a ladeira; com a ajuda das amizades, sempre vai! *Mais adrenalina, menos gasolina!*

Fiz questão de escrever esse breve relato sobre esses dias, pois é um modo de agradecer às pessoas que encontrei, reencontrei ou conheci naquele final de semana. Alan Chaves, Vicente Axrata, Bruna Niewsk, Núbia Quintana, Marcelo Sgarbossa, galeras do Bike Manaus etc., e às pessoas que contribuíram para que eu pudesse ir ao evento, meus queridos amigos Diego Kiefer, Guilherme Festinalli, Rodrigo Sanmartin Carlos, Simon B., Monica Beskow, Anelise Vargas, Patricia Stockey e Rafael Krügel, Dirlei, e outras tantas. Agradeço especialmente ao Chris Carlsson que aceitou prontamente em escrever algumas palavras para essa publicação. Sigamos pedalando!

**Baderna James**

Editor e livreiro pós-apocalíptico  
*monstrosdomares.com.br*

# NÃO PODEMOS ESPERAR!

Muito do que vivemos em Porto Alegre naqueles dias comemorativos e desafiadores de uma década atrás foi vital e emocionante. Estar entre milhares de outros ciclistas, recuperar e reinventar o espaço urbano enquanto pedalávamos por ele, criou novos espaços em nossa imaginação. A monótona loucura repetitiva do tráfego diário dominado por carros, caminhões e ônibus foi forçada a dar lugar a um espaço fresco, leve, arejado e de convívio inventado em conjunto por milhares de pessoas que provavelmente não se conheciam antes de chegar naquele momento. A Massa Crítica foi uma experiência surpreendentemente bem-sucedida na invenção de uma nova forma de desafiar o imponente edifício da vida moderna. Mas, com toda a honestidade, não foi um experimento que se expandiu com sucesso para outros reinos, nem foi capaz de se sustentar indefinidamente naquela borda trêmula de potencial. Na maioria dos lugares, certamente aqui em São Francisco, onde tudo começou há 30 anos, a Massa Crítica há muito tempo se transformou em irrelevância e obscuridade. Se continua rolando, é uma casca do que era, um impostor sem o pulso vital da possibilidade subversiva.

Surpreendentemente, a fusão de ideias e possibilidades uma vez incorporadas na experiência da Massa Crítica deu lugar, ao longo do tempo, à simples escolha que milhões de pessoas fizeram de usar sua bicicleta como transporte diário. A escolha de andar de bicicleta foi sábia e auto-recompensável para a maioria, e hoje, em cidades de todo o planeta, mais centenas de milhares de pessoas usam a bicicleta para o seu transporte diário do que no final do século passado. A cada dia, cada ciclista é como diz o ditado: “um carro a menos” e, no total, toneladas a menos de CO<sub>2</sub>

sendo despejadas em nosso ar compartilhado. Mas a experiência cultural que estava tão disponível em décadas passadas, de ser um rebelde, um subversivo, um fora-da-lei, pelo ciclismo, passou para a história. Ninguém afirma ser um “micro-ondas” por usar um forno de micro-ondas, nem há “martelistas” que usam martelos. Da mesma forma, muito menos pessoas hoje se descrevem como “ciclistas” apenas porque usam uma bicicleta ocasional ou regularmente. E é assim que deve ser, na minha opinião. Não devemos ser definidos pelos dispositivos que usamos ou pelo que possuímos, mas sim pelo que fazemos.

A bicicleta provou para muitos ser um grande começo. Tem sido uma ruptura radical com a dependência do carro e do petróleo, uma escolha tecnológica pessoal que abraça as possibilidades implícitas na tomada de uma decisão diferente sobre como ir do ponto A para o ponto B. Mas, tendo feito essa escolha por pedalar, quantos questionaram o que realmente fazem no ponto A e no ponto B? Pois este é o coração da nossa situação moderna. Todos os dias acordamos e reproduzimos este mundo, não o mundo que poderíamos fazer juntos se decidíssemos finalmente romper com a loucura de nossas vidas diárias. A questão que nós, usuários de bicicletas, temos que enfrentar: se andar de bicicleta é a chave, o que ela desbloqueia? Ou dito de outra forma, se andar de bicicleta é a janela pela qual passamos primeiro, o que está do outro lado?

Como eu disse há uma década no parque de Porto Alegre, andar de bicicleta não é suficiente. Se todos andassem de bicicleta na maioria das cidades, ainda estaríamos destruindo o planeta de inúmeras outras maneiras, seja por meio da agricultura industrial, mineração, extração de combustíveis fósseis ou “mineração” de criptomonedas. E nossa brutalidade em relação aos refugiados climáticos, em relação aos “outros”, sejam eles negros, indígenas ou não, seria intocada, assim como nossa



fácil aceitação de um mundo baseado no crescimento econômico incessante garante que nossa rápida destruição das condições de vida na terra continue sem controle.

Diante de obstáculos tão enormes, é fácil se desesperar e se sentir profundamente pessimista. E é aí que devemos encontrar essa combinação especial que chamo de “paciência radical”. Não podemos esperar, devemos agir todos os dias e de todas as maneiras para trazer as mudanças profundas de que precisamos. Mas temos que reconhecer o quão lentamente a história se move. Temos que manter nossa confiança em face de probabilidades assustadoras e decepções regulares, enquanto mantemos a paixão e a força para continuar pressionando pelas mudanças que sabemos ser necessárias. Temos que combinar nossa insistência radical com uma profunda paciência para com nossos semelhantes, sabendo que alguns de nós iriam mais rápido se pudessem, enquanto outros sempre se moverão muito mais devagar do que gostaríamos. Em última análise, temos que fazer isso juntos, com nossos amigos, familiares e vizinhos. E temos que encontrar nossas conexões através de bairros, entre cidades, através de fronteiras nacionais, entre bacias hidrográficas, das montanhas ao mar, e incluindo todos os habitantes da terra, não apenas os humanos! Respire fundo, e depois outra vez. E então continue!

**CHRIS CARLSSON**

12 de abril de 2022, São Francisco, Califórnia.



# PORTO ALEGRE, 24 DE FEVEREIRO DE 2012

Porto Alegre, muito obrigado por me receber aqui! É uma grande honra, um grande prazer, eu acho que vocês tiveram uma das melhores Massas Críticas que já aconteceu no mundo! (*aplausos*) Foi absolutamente legal, *perfecto*. É um pouco estranho, depois de uma experiência tão linda, tentar ter uma conversa, ou uma palestra, ou uma oficina, mas vamos tentar por um tempo bem curto porque sei que ninguém quer ouvir um discurso longo agora. Então, eu fui convidado para falar sobre o conceito de “*nowtopia*” (*utopia do agora*), o que é o título de um livro que escrevi há alguns anos que fala sobre novas políticas de trabalho e, quando estamos fazendo uma pedalada como esta, estamos participando de algo que está na essência desse assunto, que é sobre pararmos de fazer coisas da forma como nos disseram que devem ser feitas e começarmos um novo jeito de viver juntos.

Então, conforme pensamos sobre essas novas políticas de trabalho [...] Quantos de vocês estão empregados atualmente? Têm trabalho? Muitos [...] Então, quando vamos ao trabalho, nos encontramos participando de um sistema que continua crescendo, continua se expandindo e tirando mais do mundo, mais do mundo físico e mais de nossos cérebros, mas está produzindo um mundo em que nós não precisamos escolher, um mundo que, de alguma forma, acontece, mas ninguém decide. Isso é, na verdade, a essência do problema, porque nós vamos ao trabalho com a melhor das intenções, todos nós queremos fazer um bom trabalho, queremos fazer a coisa certa, queremos construir um mundo bom;

mas, em vez disso, nosso trabalho está produzindo este mundo louco que está brutalizando milhões de pessoas e levando a maior parte das pessoas a uma pobreza desesperada.

A análise que estou tentando oferecer, estou tentando deixar sucinto hoje, é de que, na realidade, não participamos deste mundo livremente, somos forçados a participar deste mundo louco. E poderíamos, se quiséssemos, juntos, construir um mundo lindo do qual todos pudessem ter um pedaço e participar igualmente. E o que é interessante é que ciclistas, pessoas que pedalam, tomaram um primeiro passo importante porque tiraram suas energias dos carros, dos sistemas de trânsito que nos disseram que devemos usar, e estamos começando a inventar um novo modo de viver nas cidades juntos.

A ideia é a de que as pessoas estão começando a passar seu tempo [...] Primeiramente, as pessoas vão para o trabalho e se encontram produzindo um mundo do qual não gostam, então você ainda quer fazê-lo, mas, ao final do dia, não se sente satisfeito, você quer construir um mundo diferente; então, quando você não está no seu emprego estúpido, produzindo o mundo como ele é, muitos de nós estão, com frequência, criando alternativas. Então, estamos fora do nosso trabalho e tomamos nosso tempo e conhecimento tecnológico, do qual a bicicleta é uma parte, e inventamos um novo jeito de viver. Isso é sobre o que o livro realmente fala.

Então, o ponto-chave da história é que começamos a é que começamos a interagir com a *tecnosfera*, todas as tecnologias que nos foram dadas, seja porque as escolhemos ou não, e começamos a utilizá-las de novas maneiras, nós as pegamos como ferramentas, como oportunidades de reinventar a forma como fazemos as coisas. E acabamos de observar uma das melhores experiências que se pode ter, reapropriando uma de nossas maiores tecnologias, que são nossas ruas, nossas terras comuns em nossas cidades e hoje à noite dissemos “não, elas não são apenas para carros;

elas são, na verdade, para seres humanos vivendo suas vidas juntos, conversando uns com os outros, discutindo filosofia, política, a beleza uns dos outros, nos divertindo juntos. Esse é a experiência comum que temos que ver crescendo em contraste com a vida normal que temos todos os dias.

Então, a discussão busca observar atividades diferentes, não apenas andar de bicicleta, uma das coisas que estão no livro é como programadores poderosos, ciclistas fora da lei, como todos vocês são, os jardineiros, eles estão criando jardins comunitários urbanos, estão inventando o futuro hoje. É, na verdade, sobre essa ideia de pegar nosso tempo e conhecimento tecnológico e começar um novo processo. Um dos elementos-chave é a apropriação não apenas da tecnologia, mas da ciência em si. Então, por exemplo, eu conversei com algumas pessoas hoje sobre permacultura; permacultura é um novo design científico que emergiu, não no mundo dos negócios, não na academia, mas, na verdade, fora de ambos, como um desejo de se reconectar ao ecossistema.

Então, a permacultura ser um novo design científico é parte da história. Há um argumento mais longo aqui, obviamente, está simplificado hoje, mas vocês podem ver meus vídeos no YouTube e assistir a coisa toda. Mas o ponto é que, à medida que você começa a pensar sobre a ciência como algo que realmente podemos debater, pensa... Então estou andando de bicicleta, e daí? Eu planto meus próprios tomates no jardim de casa, e daí? Essas são coisas pequenas, mas, se você as coloca em contextos de movimentos maiores ligados à ciência e à tecnologia, começa a ver que nós, como seres humanos, como trabalhadores basicamente – porque, não importa se você é de classe média ou trabalhadora, nós todos trabalhamos em troca de dinheiro – estamos começando a realmente contestar a direção da ciência e tecnologia que nos é imposta pelo capitalismo.

Há alguns exemplos muito bons que gostaria de oferecer para pensar sobre isso de uma forma mais ampla. Nos Estados Unidos, na Europa e, em parte, aqui na América do Sul, nos anos 70, gostávamos de nos ensinar sobre tecnologias de energia porque o sistema insistia que a única direção que poderíamos seguir era a da energia nuclear. Uma loucura completa, é a energia mais estúpida do planeta e ninguém deveria usá-la. Mas isso voltou por causa das mudanças climáticas e do aquecimento global, oferecem-na como uma solução: não é uma solução. Então passamos muito tempo nos ensinando sobre a ciência nuclear, solar e eólica nos anos 1970, era um truque para desafiar o governo e desafiar as empresas que insistiam que era o caminho certo, e eles tiveram muito sucesso. Paramos com a energia nuclear na maioria dos países do mundo, apenas paramos; ouvi que aqui no Brasil tiveram uma ou duas, então pararam. E foi porque a tecnologia se provou uma falsa promessa.

Um exemplo muito importante, que eu acho que vocês têm um pouco aqui no Brasil, não tanto quanto temos na América do Norte e na Europa, é o movimento de saúde das mulheres que começa nos anos 1960 com grupos de conscientização de mulheres, reunindo-se nas casas das pessoas e discutindo como é ser mulher, como é ter uma cultura completamente sexista em torno de você o tempo todo e ninguém a desafiando. E o corpo? Por que o sistema médico é incapaz de abranger realmente a saúde feminina? Então as mulheres se apropriaram de seu próprio conhecimento sobre como seus corpos funcionam e começaram a criar clínicas de saúde independentes pelos Estados Unidos, pela Europa, no Canadá etc., onde elas oferecem serviços umas às outras diretamente, sem haver homens envolvidos. E, nesse processo, elas reinventaram a medicina, até certo ponto, ainda há a medicina normal também, mas há tantas alternativas para como se tratar pelo sistema de saúde do que haviam antes, e isso ocorre graças, em grande parte,

ao movimento de saúde das mulheres. Outro exemplo de apropriar um grande corpo de ciência e tecnologia na base da sociedade e reinventar como nos engajamos nele.

Então montamos esses amplos movimentos sociais envolvendo milhares, às vezes milhões, de pessoas contestando a direção da ciência e da tecnologia, e colocamos isso junto a consertar nossa própria bicicleta, seu próprio pneu furado, andar de bicicleta com seus amigos, ou plantar alguns tomates ou algum tipo de vegetal em seu jardim, e essas ações pequenas são, na verdade, parte desse movimento maior que é desafiar a direção da sociedade moderna como ditada pelo mercado capitalista. Então começamos a ver essas pequenas ações que fazemos em um contexto maior; então, quando nos sentimos sem apoio e sem esperança, às vezes, esses pequenos gestos são muito importantes na verdade. E, quando andamos de bicicleta em um grupo como este e conversamos uns com os outros, algo começa a se mover, e todos podemos sentir isso esta noite, algo está se movendo em Porto Alegre, o mundo está mudando, a cidade não conformará à mesma agenda depois desta noite, ela só pode atender a novas agendas.

Então eu vou terminar bem rapidamente agora, e apenas dizer que, vocês sabem, enquanto vocês escolhem andar de bicicleta, esse é um ótimo primeiro passo e, à medida que vocês fazem isso, vocês começam a mudar a forma que vocês pensam, vocês entendem o mundo ao redor, quem você identifica como amigos e vizinhos e camaradas, e o seu próprio senso de agência histórica, você está mudando o mundo, você está mudando a história. Mas andar de bicicleta não é suficiente. Se todos andassem de bicicleta em Porto Alegre, vocês ainda teriam muitos problemas. A vida ainda seria imperfeita. Então ainda precisamos pensar sobre o trabalho que fazemos, e a maior parte do trabalho que fazemos como sociedade,

não apenas no Brasil e em Porto Alegre, mas em qualquer lugar do mundo, 50%, 60%, 70% é uma perda de tempo total e deveria parar amanhã. Bancos, empreendimentos imobiliários, seguros, propaganda, produção militar, fazer coisas que quebram em seis meses em vez de durarem 75 anos. Nós precisamos parar com esse trabalho louco que fazemos e começar a construir o mundo que queremos. E isso significa mudar nosso relacionamento com o trabalho diariamente. E as bicicletas são um ótimo começo, mas temos que ir muito além disso para chegar onde queremos.

Então, concluindo, o ponto principal que deixo para todos nós é que a vida pode ser muito, muito melhor do que ela é. A gente frequentemente esquece que, se você está em uma vida que é só sacrifício, luta e protesto, não para isso, não para aquilo, não, não, não... O ponto é que a vida pode ser magnífica, pode ser bela, e está em nossos poderes fazê-la dessa forma. Mas temos que pensar em novas maneiras de nos organizar, Massas Críticas são um exemplo bonito, mas há muitas outras áreas da vida que precisam ser transformadas, da mesma forma que nossas escolhas de transporte. Então eu convido a todos vocês para participar da conversa. Estamos todos juntos nisso, ninguém tem uma solução mágica, mas, obviamente, a vida precisa ser reinventada. E há o suficiente de tudo para todos, não há razão para que alguém na Terra não viva uma vida muito boa. Então vamos à obra para criar essa vida.



# PERGUNTAS E RESPOSTAS

Fragmento:

Há pessoas executando seus projetos e fazendo as coisas que amam, isso faz suas vidas melhores hoje, elas não estão esperando, hoje suas vidas estão melhores, assim como pedalar hoje fez a vida de todos nós melhor. E, quando você tem essa experiência, você pode construir em cima dessa lógica e, eventualmente, isso cria uma base social e tecnológica para um novo modo de vida. E acredito que é isso que podemos fazer por ora, temos que ter uma conversa e realizar essas ações simples.

**P:** Meu nome é Vicente, eu queria dizer que gostei muito da fala. Eu queria saber... É muito fácil o lance da bike se tornar um fim em si mesmo, eu vejo que muito do movimento das MC e muito aqui em Porto Alegre tá caminhando muito num sentido de botar assim como ressaltar que a bicicleta e capitalismo não são tão antagônicos assim, que é muito possível ter um capitalismo, não mudar nenhum pouco a estrutura das coisas com todo mundo indo de bicicleta para suas fábricas, para o seu trabalho e suas agências de marketing. Como fazer para que não se torne um fim em si mesmo? Uma coisa redundante e que as pessoas do movimento possam enxergar além. Senão vira uma coisa muito “andar de bike é chique” ou “sou CEO e ando de bike”. Eu acho isso complicado...

**CC:** Essa é uma pergunta interessante porque muitas pessoas no mundo que estão se organizando em torno do ciclismo pensam que é uma boa ideia para envolver mais pessoas e, também, para toná-lo chique porque isso também convida toda uma outra população. Assim, o ciclismo funciona muito para pessoas com dinheiro, é mais na ideia de que todos são bem-vindos, e um dos problemas de

encontros de ciclistas nos Estados Unidos é que eles se tornaram uma subcultura, uma cultura da qual são muito orgulhosos: “eu sou diferente, eu sou totalmente diferente de todo mundo”, e isso significa que ninguém se junta a você. Quando querem ser diferente como você, não se juntam. Então, se você quer realmente mudar o mundo, tem que falar com pessoas que você não gosta. Essa é a chave. Então, na Massa Crítica, atingimos [*inaudível*] em São Francisco... Então, o problema de viver tentando se distanciar da sociedade capitalista e se tornar como qualquer outro produto à venda é que já perdemos essa guerra. Está perdida; basicamente, já nos tornamos isso. Esse é o meu ponto, andar de bicicleta não é o suficiente; é um bom primeiro passo, mas não é o passo certo nem o único. Temos que nos voltar às outras partes da vida. Em realidade, o que temos que conversar não é apenas sobre transporte, mas sobre a reprodução da vida. Temos que fazê-lo e temos que pesar bases diferentes. Se você só repensa seu modo de transporte, vira outro produto à venda, outra commodity. Então entendo o que quer dizer, você está certo.

**P:** Tenho uma pergunta para você porque penso que essa ideia é muito bonita e muito [*inaudível*] é sobre respeito, sobre paz e amor na realidade, eu gosto disso, mas... Como os políticos estão lhe dando suporte? Quais são suas conexões com a política? Porque somos um grupo de pessoas e, sim, podemos fazer esse levante, protestar, podemos fazer muitas coisas, mas acho que muitas pessoas podem pensar “tudo bem, somos apenas pessoas, um grupo de pessoas, há tantos carros por aí”... O quão conectado você está com a política? Você está evoluindo nessa área, ou está em diálogo com essas pessoas?

**CC:** A MC não é uma organização, então não desenvolve relações com político algum porque não há com o que se ter uma relação. Qualquer político que escolha se juntar a nós para pedalar,

está tudo bem, eles podem vir – não acontece com muita frequência. Mas conhecemos pessoas que pedalam com a MC que estão muito preocupadas com desenvolver uma grande relação com a classe política, então temos uma, assim a chamamos, organização mais geral em São Francisco chamada The San Francisco Bicycle Coalition, é como uma ONG, e eles vão à cidade, vão até o prefeito, falam com os políticos, falam em quem votar, e eles querem ser um grupo político em favor dos direitos de ciclistas em São Francisco – e eles fazem um bom trabalho, está tudo bem, são bem corajosos, eles fazem algo bem específico, só lutam pelos ciclistas. O trabalho da MC não é apenas para ciclistas, é, na verdade, sobre espaço público. É sobre se conectar uns com os outros de uma forma muito diferente da do mundo em que devemos viver. Então é muito importante manter uma separação entre o mundo político... Obviamente, não sei, se eles fazem uma boa escolha, ótimo, mas eu não ligo, não acredito neles, prefiro criar um novo sistema de vida do que depender do mundo político.

**P:** Boa noite a todos, meu nome é Tiago, venho do Rio de Janeiro, comecei um blog no Rio chamado “Rio de Janeiro Cycle Chic” e eu vim aqui na verdade pra Porto Alegre por conta do Workshop que vai ter amanhã chamado “Cycle Chic” da Santu-chi, enfim. Não conheço ela, inclusive gostaria de conhecer se ela estiver por aqui. Eu levantei de onde eu estava porque senti a necessidade de defender a visão do movimento ao qual eu faço parte, mas eu acho que a resposta “dele” foi a melhor do que qualquer resposta que eu poderia ter dado. Essa preocupação do mercado, as grandes forças do capitalismo tomarem conta da bicicleta e de repente transformarem ela em mais um produto à venda – eu sei que corro o risco de ser impopular aqui, eu vejo que há toda uma forma de pensar, mas eu acho isso ótimo. - O capitalismo, a gente precisa pensar em mudar algumas coisas, a gente vive em

um mundo doente, não há a menor dúvida, mas não dá pra acreditar que a gente vai mudar tudo do dia pra noite num estalar de dedos. Eu levantei as mão dizendo que eu tenho um emprego, o que não é bem verdade, pois eu sou freelancer, mas eu tenho minhas contas a pagar, por mais que eu goste de todo esse sonho, essa utopia e queira mudar a minha vida ela não acontece de um momento pro outro. Ela tem que ter uma transição, e o sistema produtivo ele também tem que ter essa transição, e hoje a gente tem uma máquina de propaganda vendendo a ideia do carro e vendendo um projeto pras nossas cidades que é uma grande fonte de problemas. Tentar combater isso simplesmente pela utopia e fugindo desse modelo de mercado é bonito, mas não acredito que vá chegar ao ponto de mudar todo o resto das pessoas. Nós somos muitos aqui, mas Porto Alegre tem quanto, 2 milhões? Nós somos 2 mil aqui, é uma parte disso. E o resto? Então existe sim a necessidade de trabalhar marketing pela bicicleta e trabalhar dentro do sistema capitalista pra vender uma economia de bicicletas, que pode ser uma economia bonita, enfim, gerar empregos e resolver uma parte do problema tentando fugir do automóvel, não sendo pela utopia, mas pelo mercado também. (alguém interrompe: “O que está acontecendo aqui hoje não é uma utopia mano, isso aqui é presente, é real! Acontece hoje”) Essa visão de que a gente deve se excluir do mercado e que o mercado se apropriar da economia da bicicleta é um problema, eu não vejo dessa maneira. Eu vejo que a gente deve trabalhar e criar uma economia, eu gostaria de ver uma indústria da bicicleta tão forte quanto a indústria do carro. Eu gostaria de ver um comercial de bicicleta no intervalo da novela das 8, por exemplo. Eu não vejo isso, eu vejo só o carro, a gasolina, a gente está preso a uma questão tecnológica. A bicicleta é uma ferramenta que podee ser incorporada ao dia a dia das pessoas, e que no início você vai passar pelo mercado também.

**CC:** Nos Estados Unidos, estão usando bicicletas para vender carros, é bem estranho, mas há comerciais na televisão cuja intenção é que você compre um carro e há pessoas em bicicletas passando; elas estão se divertindo porque há um carro atrás delas, de alguma forma. Vai entender. (*risos*) Eu tenho uma opinião um pouco diferente, entendo que há muitas pessoas trabalhando o mercado, muitas pessoas estudando negócios, e isso é parte de uma ecologia maior de um movimento social de que participamos neste período da história. [Os anúncios] não funcionam em mim agora, (*risos*) mas talvez algum dia funcionarão – talvez não neste cavaleiro, é claro –, mas as pessoas pensam que as respostas estão nos negócios, nos mercados, isso é um problema porque é o que derrota nossa própria energia, nossa habilidade de realmente agir em conjunto, decidir o que fazer, como fazer e quando fazer, e então assegurar os resultados desse esforço é o oposto de um mercado, do capitalismo e do dinheiro. Então temos que começar a pensar em criar mais espaços de solidariedade, de ajuda mútua, e trabalhar juntos pela pura alegria de fazê-lo, não pelo dinheiro, não pela recompensa, mas apenas porque faz a vida melhor.

**P:** Boa noite, meu nome é Eduardo e a minha pergunta é como você acha que movimentos como esse de pessoas que se organizam pra propor o pensamento de uma forma diferente de transporte pode avançar pra outras questões da nossa vida, como alimentação, vestuário e abordar outros pontos que são fundamentais e necessários em nossas vidas?

**CC:** Então, em [*inaudível*], nós falamos sobre aspectos diferentes dessas terras ociosas [...] é de terras desperdiçadas, terras deixadas vazias, e, nos Estados Unidos, em cidades durante os anos 70, elas foram destruídas pela especulação. Para ir a uma dessas terras ociosas e plantar comida e fazer jardins bonitos; e esse movimento de jardinagem começou não apenas a plantar comida,

mas a criar novas relações entre as pessoas, elas começaram a pensar diferente sobre a questão da segurança alimentar, de que todos têm o direito de comer, é um direito humano, não é algo que você só consegue se tem dinheiro. Então o sistema alimentar nos Estados Unidos é bem diferente hoje, de alguma maneira, do que era há 40 anos, quando esse movimento começou. Graças ao fato de que as pessoas inventaram a agricultura orgânica, uma forma diferente de fazer as coisas, usando uma lógica diferente de se relacionar com a natureza... Então há algo muito importante que – Roupas, também! Os aspectos relacionados a roupas em Bay Area, onde eu moro, em São Francisco, há agora, eu acho, algo em conhecimento de três ou quatro [...], sobrevivendo de fazer seus próprios negócios de roupas, dando-as de graça com frequência e trocando-as uns com os outros. Essas pessoas têm que ganhar a vida, eles têm que comer e pagar pela eletricidade, certo? Em uma casa, o que é muito caro em São Francisco. Mas eles criaram uma lógica forte de faça você mesmo. [...] Eles encontram os tecidos, eles encontram algo que você sabe melhor que eu que é usado pra fazer tecido e mais alguma coisa básica da vida natural para criar roupas novas, eles utilizam os princípios básicos para construir novos [*inaudível*], usam as terras desperdiçadas para plantar comida. Esse é um começo de diferentes formas de organizarmos nossas vidas.

**P:** Boa noite meu nome é Felipe, e eu queria fazer a questão seguinte: todo mundo quer ou, pelo menos, a maioria das pessoas que eu conheço querem andar de bicicleta pela cidade mas não andam muito em função da segurança e a questão da segurança tem muito a ver com políticas públicas e também com a questão do respeito e da conscientização da população. Eu queria saber do Chris que tipo de políticas públicas o governo pode implantar para desenvolver o ciclismo e eu cito dois lugares do mundo como a Dinamarca que tem bicicletas pra alugar de graça.

Tu coloca uma moeda equivalente a 25 centavos, retira a bicicleta e devolve em outro ponto da cidade (no Rio tentaram fazer igual, mas roubaram muita bicicleta), na Dinamarca eles fizeram um esquema que as peças são diferentes e aí não tem como tu tirar as peças da bicicleta porque elas só se encaixam naquele modelo e elas se pagam com anúncios públicos de patrocinadores que desenvolvem isso. E na Alemanha também tem as ruas [...], já deve ter ouvido falar, que são ruas como por exemplo a Sofia Veloso aqui na Cidade Baixa, o pessoal deve conhecer, ruas em que a preferência é da população, se tem crianças brincando na rua a preferência é dela e o carro vai ter que esperar, a bicicleta vai ter que esperar. Só que como vai implementar isso em Porto Alegre se tu vai andar na rua e o carro já não te respeita, como isso pode entrar no inconsciente coletivo?

**CC:** Eu acho que você deveria ser o novo diretor de transportes de Porto Alegre, você entende o problema e a solução. Acho que tem que ter um sistema de ciclovias por todas as cidades do Brasil, todas as cidades do mundo, e deve haver um novo sistema educacional que ensina às pessoas que as rodovias servem para outros usos além dos carros. E, se pudermos fazer com que as pessoas tenham a experiência de pedalar pela cidade antes de terem suas carteiras de motorista para dirigir um carro, haverá uma grande diferença em como elas tratarão ciclistas quando os encontram quando têm seus carros. Então há formas em que podemos fazer mudanças fáceis para realmente apoiar essa mudança de consciência, mas, até agora, não houve vontade política a nível institucional para fazer essas mudanças. Então penso que você tem ideias muito boas, você entende perfeitamente as soluções; já foi provado que elas funcionam na Dinamarca, Holanda, Alemanha, e outras cidades, quero dizer, em outros países, mas estamos bem longe disso nos Estados Unidos e aqui, então temos trabalho a fazer.

**P:** Eu queria fazer uma pergunta relacionada com a questão da ideologia que tem tanto na bicicleta quanto a outros movimentos de ativismo. Se por acaso essa ideologia de que a gente vai mudar a cidade, que a gente vai mudar o pensamento... Isso é uma forma de combate ao capitalismo, principalmente, não serve como uma forma de relaxamento de uma tensão social, e eu citaria aqui a questão das ONGs que têm muito discurso falando que elas acalmam vários problemas, até com crianças, mas em vários momentos o que você ali é um forma de dar migalhas de uma forma embelezada pros pobres, nas comunidades. Existe uma identificação daquelas pessoas mais pobres com as empresas que estão patrocinando as ONGs e elas (as pessoas) não conseguem nem mesmo ver essas empresas como rival, inimiga. As vezes o que eu vejo aqui é que a maioria das pessoas aqui são de classe média e tiveram uma boa educação e as pessoas que não tiveram essa possibilidade de boa educação e esse tempo pra vida? Pra vir aqui pedalar, pra vir aqui e ficar conversando, tendo filho às vezes com 15, 16 anos, não é nem por falta de instrução... Como a gente pode, se a gente tem realmente esse objetivo de mudar a cidade, de mudar essa crítica ao capitalismo e pensar que a bicicleta pode ser um elemento aglutinador pra gente realmente ir além e não só... Porque eu pedalo porque eu realmente acho que faz um bem direto na minha vida e eu gosto de pedalar, mas as vezes eu acho que o discurso vai além do que realmente a prática representa.

**CC:** Não tenho certeza se entendi bem a pergunta, mas, pelo que entendi, penso ser possível começar a desafiar nossas premissas da vida cotidiana por meio de muitas ações diferentes. E as ideologias que formamos vêm de muitos lugares diferentes, mas um dos fatores unificadores é a crença de nós, juntos, como seres humanos na base da sociedade, podemos reinventar a vida. Nós podemos fazer a vida ser bem diferente do que é. Porque é o nosso trabalho e a



nossa cooperação que produz o mundo como ele é. Basicamente, a bicicleta é uma outra solução, além de um novo jeito de organizar a vida e uma nova forma de nos relacionarmos com a tecnologia que usamos e com o espaço urbano – também uma de nossas tecnologias –; então, não tenho certeza de que compreendi a pergunta, mas acredito ser possível ver algo quando você abre a conversa com pessoas que discordam de você e as convida. Então, a pergunta é se estarmos participando da produção é uma ilusão, se podemos mudar o mundo com uma coisa tão simples quanto andar de bicicleta. Eu diria que não é uma ilusão porque é muito fácil sentir que, meu deus, temos solucionar todos os problemas do mundo ou podemos fazer nada, e isso é impossível por definição; o mundo inteiro não vai mudar ao mesmo tempo, junto, em todos os lugares. Talvez acontecerá em alguns meses ou em alguns anos, eu espero, mas vai começar em um lugar bem pequeno primeiro, até pode começar com você e eu, conversando, discutindo, e então ele conversando e discutindo, e então todos os outros discutindo conosco. Esse é o começo. E então, de lá, você vai para casa e fala com seus amigos, eu vou para casa e falo com a minha família e amigos, em outro país, em outra cidade, as ideias continuam, como quando você joga alguma coisa na água e alguma coisa acontece. Então, é bem devagar e nós temos que ter o que gosto de chamar de [...] paciência, então entendemos que o mundo, que a história se desenvolve bem devagar na maior parte do tempo. Bem mais devagar do que gostaríamos, e queremos que as coisas mudem rapidamente e fazemos nossos esforços da melhor forma possível, e precisamos continuar fazendo, mas também temos que entender que a história seguirá seu próprio ritmo, então, se podemos nos manter pacientes, e continuar empurrando as bordas, podemos participar nesse processo por um longo tempo que está por vir, uma vez que o mundo nunca muda tão rápido quanto queremos que mude. Espero que isso responda à sua pergunta. Eu não acho que seja uma ilusão.

**P:** Meu nome é Porã, sou estudante de engenharia ambiental na UFRGS. A minha pergunta é sobre a questão da estratégia mais sustentável que é a nossa situação econômica atual. Que o mundo inteiro se encontra numa crise e aí se entra num momento de reflexão muito importante. Nós, no entanto, estamos buscando um ritmo “chinês” de crescimento, nós queremos explorar nossas reservas ao extremo. Nós estamos prestes a explorar a maior quantidade de petróleo do planeta, que é o pré-sal, nós estamos com projetos de hidroelétricas gigantescos de novo, nós estamos buscando um crescimento, nós não..., o governo... Eu gostaria de saber qual a nossa matriz de ação além da bicicleta, porque não tem outra, mas eu gostaria de enfatizar esse aspecto. Qual a diretriz além da mobilidade urbana? Acho que é isso, obrigado.

**CC:** Tem essa organização que descobri na Itália, uma organização muito pequena, chamada *Decrescimento Feliz*, e acho que ela traz um argumento interessante porque nós, os grandes jornalistas, o problema que enfrentamos é aceitar a definição de bem-estar, de bem-querer, em como nosso sistema funciona, pensando em crescimento; crescimento é o problema, não a solução. E então eu realmente gostaria de redefinir o que é uma vida boa e como nós a medimos; agora, medimos por todas as coisas erradas. Mais petróleo, bom; mais “nucleares”, bom; mais poluição, bom; mais câncer, estamos ficando doentes, ótimo, ótimo para a economia, mais pessoas gastando dinheiro em hospitais, parece muito bom para o PIB. Isso é loucura, loucura absoluta! Então temos que descobrir como começar a definir o que é uma vida boa, e sem fazer isso confiando em especialistas, ou governos, ou corporações: temos que descobrir por nós mesmos. E então, quando o fizermos, teremos essa conversa, que já falei sobre hoje, sobre trabalho. Como fazemos todo esse trabalho? Qual trabalho deveríamos fazer? [*inaudível*] com recursos? Como podemos utilizá-los sem esgotá-los? Continuamos a usá-los... Como fazer isso sem

que nós desapareçamos? Porque estamos com problemas no momento, seres humanos estão criando uma vida horrível para eles mesmos enquanto destroem o planeta ao mesmo tempo. Temos que criar uma vida muito boa para nós, para todos nós – não apenas para alguns de nós, para todos nós – e temos que pensar em manter a Terra tão saudável e agradável quanto possível a longo prazo.

**P:** Eu gostaria de saber quais ideias você poderia nos dar de ações diretas. Ideias que podem nos ajudar a alcançar as massas, ou talvez mais pessoas, sabe? Porque a... Sabe, as propagandas de automóveis são muito fortes e alcançam a todos, todo mundo fala sobre elas, compram revistas, é um grande tópico em bares e em todos os lugares, sabe? As pessoas são fáceis de manipular, eles estudam a psicologia humana muito profundamente e então manipulam as pessoas porque – Eu realmente gostei de tudo o que disse, perdoe-me, para mim é tudo muito óbvio, mas é um alívio ouvir de outras pessoas o que você disse, sabe? Eu sei que a simplicidade é o caminho, sabe, mas eles vendem a ideia de que você precisa de coisas para ser feliz, mas como dizer isso às pessoas? Porque eu acredito que todo mundo saiba, mas, de alguma forma, você tem que dizer a elas de novo. Porque algumas pessoas, não sei quem, pegam paredes e escrevem “mais amor”, eu nunca faria isso, sabe? Eu sei que as pessoas fazem isso. Mas o ponto é, você sabe, que outras ideias de ações diretas que podemos fazer na cidade?

**CC:** Obviamente, se eu tivesse grandes ideias reais que mudariam o mundo, ele seria diferente, então não tive sucesso em ter muitas ideias de ação direta, mas posso lhe falar sobre coisas que faço e realmente gosto de fazer e, penso, criam *momentum* na direção das coisas mudarem e de encorajar discussões etc. Uma das coisas que faço – tirei a ideia dos situacionistas franceses, talvez você esteja familiarizado com eles – é pegar anúncios que eu odeio, de carros, [...], você pode fazer isso também com vídeos, e então muda o sentido do que diz. Então estão dizendo

“você fará muito sexo com este carro, vai lhe dar um pinto grande”, você mostra o que estão dizendo de verdade, ou pensando em algo inteiramente diferente, tanto faz, é bem legal brincar. Então, em geral, as ações diretas em que você pode se engajar que são bem [*inaudível*], ou, como eu gosto de chamar como brincadeira, inf-arte, porque podem ter um ataque cardíaco vendo nossa arte, então essa é parte da ideia. E tenho algumas, vou lhe contar sobre dois exemplos além da mídia que acabei de sugerir; o que tem sido feito em São Francisco, a Massa Crítica fez uma intervenção com uma porta de carro grande de ferro-velho, e colocaram uma bicicleta com um manequim voando acima da porta; então a bicicleta está batendo na porta, a porta está aberta, o manequim está voando sobre a porta, é uma escultura e colocamos no chão bem onde a Massa Crítica começa com cola industrial para não poderem movê-la, com macacões; o Departamento de Arte Pública de São Francisco, que não existe, [*inaudível*], arranjamos esse projeto artístico e estávamos tipo “aqui está”, estava tudo bem, saímos impunes e ficou lá por uma semana, e todo mundo que passava o viu e tinha um título, “The Door is Always Open” [a porta sempre está aberta], que é uma brincadeira em inglês, você diz isso quando alguém, um chefe em uma empresa diz “você sempre pode falar comigo sobre seus problemas, minha porta sempre está aberta”, isso é o que o chefe sempre diz. Então é como uma brincadeira e mostra o problema de ser “portado”; em São Francisco é comum para pessoas em bicicletas não serem ouvidas e abrirem portas na frente delas. Então esse é um exemplo, o outro é, bem rápido, enchemos de gravatas uma rua do complexo industrial, com aquela fita amarela de isolamento escritas “não ultrapasse” e algumas cordas com gravatas penduradas com os dizeres “Wall Street West is all tied up”<sup>†</sup>, que é uma piada sobre gravatas.

---

† **Nota da edição:** Um jogo de palavras com *tie*, que em inglês significa “gravata” e “amarrado”. Seria traduzido como “Wall Street West está toda amarrada/Wall Street West está toda engravatada”.

Depois de esperar por uns segundos, podíamos quase ouvir coisas cruzando o ar e o som mudou, estava quieto, e os carros não podiam passar, e sei que só durou 20 minutos, mas foi uma intervenção muito interessante em meio a uma ocupada sexta-feira à tarde.

*Pessoa aleatória começa a falar:*

Pra melhorar mesmo o negócio do ciclista tinha que fazer uma pista especial pra todos vocês andarem e não ficar se misturando com carro. Vocês na de vocês e os carros na deles. Porque o trânsito não vai mudar! Não adianta vocês quererem achar que vocês são ciclistas. O carro, gente, vocês são ciclistas, eu gosto de vocês pra caramba, e eu vou dizer uma coisa pra vocês todos, vocês tem que entender uma coisa: que o trânsito hoje é violento! E se tem gente que não entende o trânsito vocês tem razão disso. Eu queria dizer uma coisa pra vocês, eu sou engraxate há 23 anos, e vocalista... E queria dizer que vocês estão de parabéns por ter esse espaço. Porque está cheio de esporte por aqui hoje... A Redenção tem muito esporte a gente vê pessoas hoje fazendo Capoeira, a gente vê pessoas, Caratê não existe, a gente vê a Capoeira. Eu queria dizer que vocês são todos maravilhosos, vocês têm o direito de andar na rua. (palmas) E uma coisa eu quero dizer pra vocês, vocês tem o direito de não ser ofendidos por ninguém, de andar, ir e vir. (mais palmas) Mas vocês têm que entender o trânsito, que o trânsito é violento, vocês sabem que a cabeça das pessoas hoje em dia não está funcionando bem. De repente acontece com vocês o que aconteceu com os colegas de vocês ali na Lima e Silva<sup>†</sup>, eu tava presente, achei chato aquilo ali, aquele Nei ele não respeitou vocês, eu acho que vocês tomaram uma decisão e [...]

---

<sup>†</sup> Atropelamento em massa que ocorreu, na verdade, na Rua José do Patrocínio, no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, no dia 25 de Fevereiro de 2011. Infos em <[pt.wikipedia.org/wiki/Atropelamento\\_coletivo\\_de\\_ciclistas\\_em\\_Porto\\_Alegre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atropelamento_coletivo_de_ciclistas_em_Porto_Alegre)>.

## INTERVALO

---

**CC:** Eu não sei qual é a história sobre os políticos em particular, ou sobre as políticas em particular, em Porto Alegre e no Brasil, mas é bem claro que houve uma influência forte por muito tempo para apoiar a indústria hulfífera e petrolífera, a empresa nacional de petróleo etc., então há uma miríade de fatores que as pessoas têm aceitado há muito tempo. E elas sabem que algo está quebrado, que está absolutamente sem funcionar, tornando a vida pior, não melhor. Então não penso que seja tão fácil mudar suas mentes para sempre, mas fazer algo é o começo desse processo e, se vocês continuarem a encher as ruas com bicicletas todos os meses pelos anos que virão, [...] mudará a cidade. E com certeza há muito dinheiro neste momento, então continuem jogando pressão na política o máximo que puderem, no governo, porque vão desperdiçar dinheiro em expandir rodovias para fazer com que pessoas dirijam para os estágios durante a Copa do Mundo – isso é a coisa mais estúpida que já ouvi, então deveria ser parado imediatamente e eu penso que vocês poderiam ter ações diretas [...] para esse problema, indo para a frente da escavadora e dizendo “não, vocês não vão expandir a rodovia, gastem o dinheiro em ciclismo, em ônibus, em qualquer coisa que não expandir rodovias para carros, isso seria idiota”.

**P:** Chris, você se compromete em ajudar a gente a criar o II Fórum Mundial da Bicicleta?

**CC:** Eu ficarei sempre feliz em voltar pra Porto Alegre, um lugar muito bonito, com muitas pessoas bonitas. (aplausos e assobios)

**P:** Eu concordo com você quando você diz que o governo não tem interesse em investir em políticas públicas sobre bicicletas se a gente for pegar dois exemplos assim, Londres com os Jogos Olímpicos agora fez um incentivo à bicicleta e deu uma economia de 4 milhões de reais, de geração de empregos, até a questão da diminuição de congestionamentos e diminuição da poluição. E em Porto Alegre, os políticos devem saber disso, além disso, aqui eles tem um levantamento da FEPAM que Porto Alegre tem partículas de Diesel, Benzopireno e outro poluente que vem do carro, foi medido e tem 16,3 microgramas por metro cúbico sendo que o limite da Organização Mundial da Saúde é 10. Sabendo que Porto Alegre tem todos esses dados, o que está por trás dos interesses do governo em não investir na bicicleta, na tua opinião?

[FIM DA GRAVAÇÃO]

